



Abril/2016

Custo do Trabalho na Indústria de Transformação

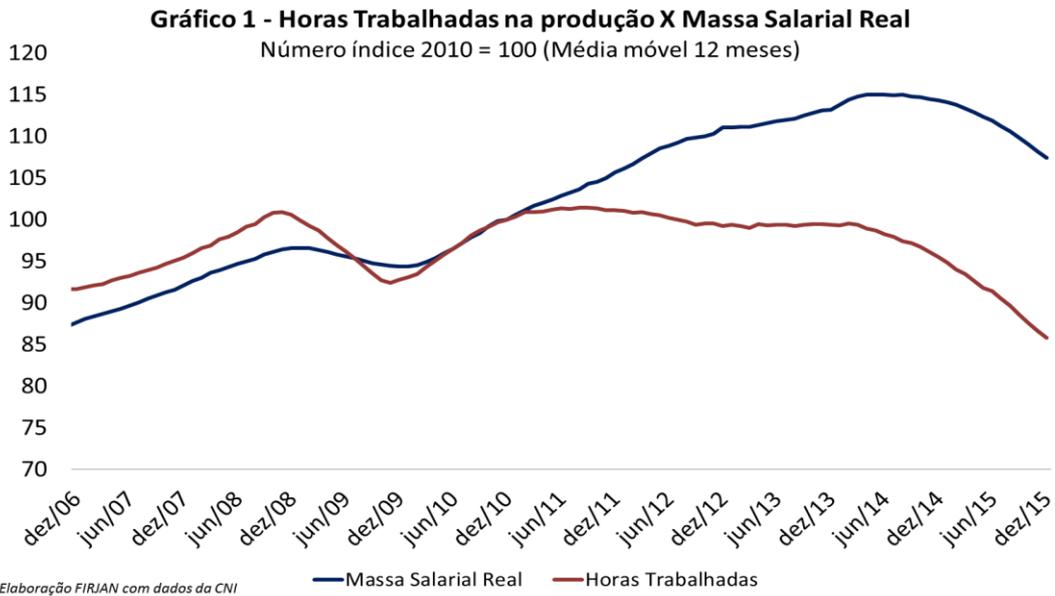
O país passa por uma das mais longas recessões da sua história. O quadro econômico atual combina forte recuo dos investimentos, aumento da taxa de desemprego, inflação em dois dígitos e dívida pública alta e crescente. Não bastasse isso, o país passa por uma grave crise política, o que torna difícil a aprovação de reformas estruturais capazes de mudar de forma decisiva este quadro.

Nesse cenário, a produção da indústria de transformação recuou 9,9% em 2015, a pior retração desde o início da série histórica iniciada em 2002. Após o forte crescimento de 2010, a produção industrial acumulou perda de 13,4% em cinco anos. De fato, a indústria brasileira perdeu competitividade, e a explicação para isso está no aumento dos custos de produção, dentre os quais se destaca o custo da mão de obra.

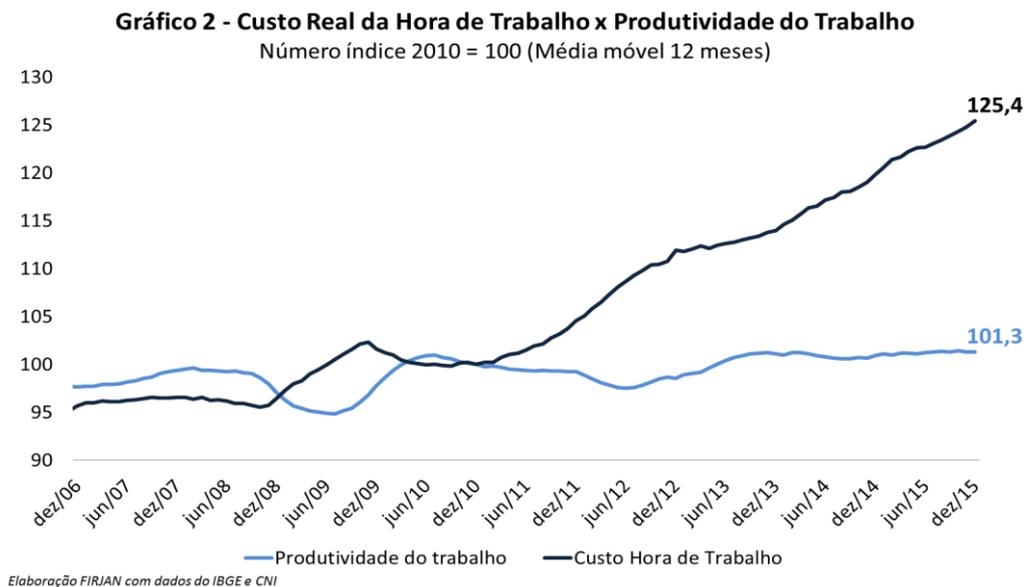
O gráfico 1 mostra a evolução das variáveis que compõem o custo da mão de obra, desde 2006: as *horas trabalhadas na produção* e a *massa salarial real*. Até 2008, as duas cresceram, com a primeira em maior intensidade. Após a crise mundial, no entanto, as curvas se cruzaram, e o crescimento da massa salarial real passou a ficar acima do das horas trabalhadas. Dessa forma, o custo da hora trabalhada passou a ser crescente desde então.

Mesmo o forte ajuste no mercado de trabalho da indústria em 2015 não foi suficiente para reverter esse movimento, uma vez que a queda nas horas trabalhadas foi mais intensa que a da massa salarial. Em outras palavras, o recuo recente da atividade fabril foi mais intenso que a desaceleração dos salários¹, fazendo com que o custo da hora trabalhada continuasse em ascensão, em pleno ambiente de recessão.

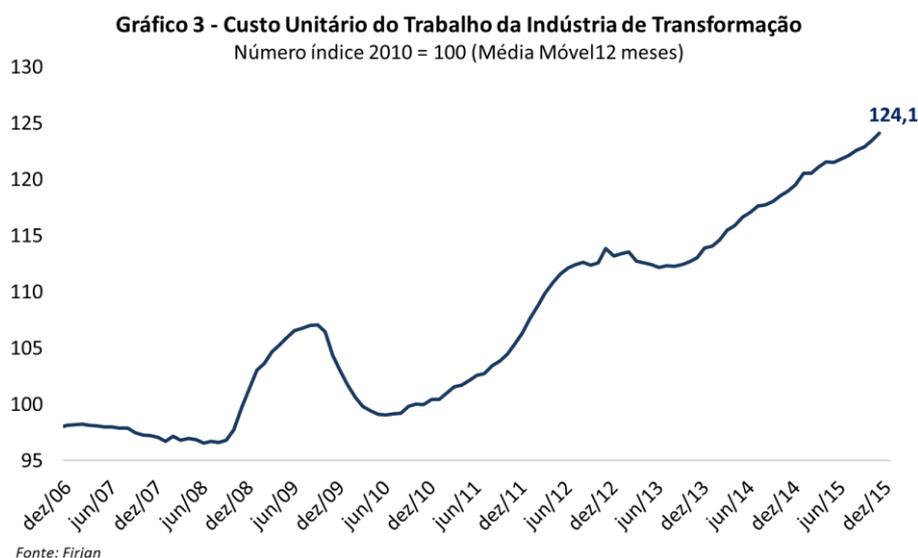
¹ Os 1511 acordos de negociação depositados no site do Ministério do Trabalho em janeiro/2016, referentes ao ano de 2015, tiveram reajuste médio de 7,9% perfazendo um rendimento médio real negativo em -3,4%, portanto, uma queda menos intensa que a verificada na produção, tanto da indústria (-8,3%) como do comércio (-8,6%).



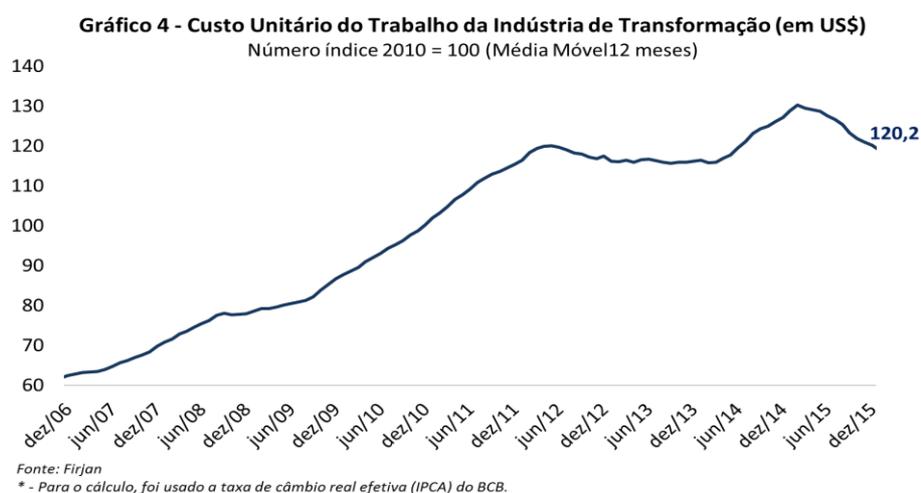
A questão central nessa discussão está no fato do aumento do custo da hora trabalhada não ter sido acompanhado pela produtividade do trabalho. Como ilustrado pelo gráfico 2, entre 2006 e 2008, essas variáveis se comportaram de maneira benigna para a competitividade da indústria brasileira, mas esta situação se inverteu em 2009, e principalmente após 2011. A partir deste ano até 2015, enquanto o *custo real da hora trabalhada* cresceu 25,4%, a *produtividade do trabalho* apresentou incremento de apenas 1,3%. Só em 2015, o custo da folha de pagamento cresceu 4,7%, ao passo que a produtividade ficou praticamente estagnada (+0,4%).



A relação entre o *custo da hora trabalhada* e a *produtividade* é retratada pelo **Custo Unitário do Trabalho (CUT)**, um indicador do custo da mão de obra por unidade produzida². Como o crescimento dos salários não foi acompanhado do aumento da produtividade, o CUT da indústria de transformação brasileira acumulou crescimento real de 24,1%, entre 2010 e 2015. Apenas no último ano, o CUT apresentou crescimento de 4,3%. O gráfico 3 ilustra esse movimento.



Na prática, o aumento do CUT implica em redução da competitividade dos produtos brasileiros frente aos seus concorrentes externos. Ainda que a recente desvalorização do Real tenha reduzido os preços dos produtos brasileiros em dólar, o fato é que o Brasil não foi capaz de aumentar sua produtividade no pós-crise de 2008. O gráfico 4 mostra a evolução do CUT ponderado pela taxa de câmbio real efetiva³, entre 2006 e 2015. Mesmo com a recente desvalorização do Real, o CUT (em moeda estrangeira) apresentou um crescimento de 20,2% entre 2010 e 2015, e mesmo com o recuo recente permanece em patamar elevado.

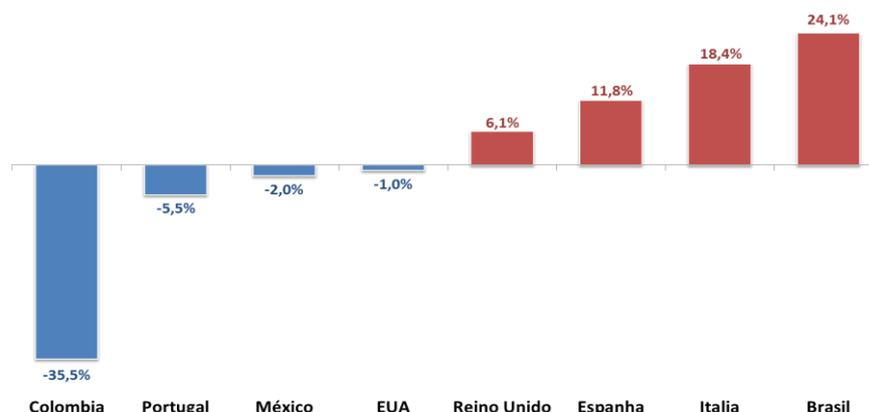


² O CUT é obtido pela razão entre a folha de pagamentos, incluindo encargos, e a produção industrial. Nesse estudo, apresentamos o CUT da indústria de transformação de forma já deflacionada, ou seja, o CUTR: Custo Unitário do Trabalho real. Para o cálculo foram utilizados os dados do Indicador Industrial da CNI e da PIM-PF do IBGE.

³ Taxa de câmbio real efetiva, disponibilizada pelo Banco Central, leva em conta a taxa de câmbio de 15 países que representam 64% das exportações brasileiras.

A comparação internacional mostra que o Brasil foi à direção contrária de diversos países que conseguiram efetuar reformas trabalhistas que permitiram relevante redução do custo do trabalho. Selecionamos uma amostra abrangente que compreende países desenvolvidos centrais (EUA, Reino Unido e Itália), países desenvolvidos periféricos (Portugal e Espanha) e países da América Latina com estruturas econômicas similares à brasileira (Colômbia e México). O gráfico 5 apresenta esse exercício para o período 2010 a 2015⁴. O Brasil apresentou o crescimento mais elevado da amostra considerada – inclusive acima do registrado na Espanha, Reino Unido e Itália, países notórios pela legislação trabalhista rígida. Mais do que isso, é interessante perceber que os países que apresentaram as maiores quedas do CUT (México, Portugal e Colômbia) foram aqueles que conseguiram implantar reformas importantes no período analisado⁵. Já no caso dos Estados Unidos, o ajuste do mercado de trabalho e a rápida recuperação econômica no pós-crise propiciou aumento da produtividade e queda no CUT.

Gráfico 5 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação
Países selecionados: Variação entre 2010 e 2015, em moeda local



Fonte: BLS, Eurostat, Banxico e Banrep

Esses dados reforçam a necessidade de novas políticas voltadas ao aumento da produtividade e redução dos custos do trabalho no Brasil. Além das típicas medidas estruturais – maiores investimentos em educação e em pesquisa e desenvolvimento, utilização de novas tecnologias, maior abertura comercial da economia e flexibilização das leis trabalhistas –, é importante adotar política de reajuste salarial que associe, de forma direta e explícita, os ganhos salariais ao aumento da produtividade. Nesse sentido, é fundamental a regra de reajuste do salário mínimo seja revista⁶, que prevê reajustes salariais muito acima da produtividade. Isso certamente reduziria os custos de produção e ajudaria na recuperação das empresas e na geração de empregos neste momento de recessão.

⁴ Séries em moeda local, de forma a expurgar os efeitos da variação cambial.

⁵ Em Portugal, a reforma trabalhista de 2012 cortou férias, reduziu feriados e flexibilizou a administração das horas extras. No México, ocorreu um conjunto mais amplo de reformas: (i) A trabalhista (2012) buscou flexibilizar as condições de contratação e demissão; (ii) a da energia buscou reduzir os custos deste insumo; (iii) a reforma das telecomunicações (2014) quebrou o monopólio de aumentou a competitividade do setor. A Colômbia, por sua vez, passou por um processo de reformas de longo prazo baseada em uma política fiscal responsável, que estimulou investimentos e melhorou seu ambiente de negócios.

⁶ Por lei, o salário mínimo é reajustado pela Inflação do ano anterior mais o crescimento do PIB de dois anos antes. No entanto, em período de queda do PIB essa regra não foi adotada.

Custo Unitário do Trabalho nos Setores da Indústria

Esta seção estende o cálculo do Custo Unitário do Trabalho (CUT) para os setores da Indústria de Transformação brasileira, permitindo uma análise comparativa da sua evolução.

Conforme a Tabela 1, dentre os 20 setores analisados, 17 apresentaram aumento real do CUT entre 2010 e 2015. Dentre estes, cinco cresceram acima da média da Indústria de transformação, com destaque para *Veículos automotores*, que apresentou o maior crescimento do CUT (+70,7%), seguido pelo setor de *Bebidas*, que aumentou 52,6% no período. Os setores de *Máquinas e materiais elétricos* (+47,6%), *Químicos* (+40,5%) e *Têxteis* (+34,7%), também apresentaram crescimento do CUT acima da média da *Indústria de Transformação* (+24,1%). Esses resultados foram explicados por uma combinação de queda na produtividade e aumento dos gastos com a folha salarial.

Outros sete setores apresentaram resultado próximo à média da Indústria de Transformação: *Minerais não metálicos* (+29,1%), *Borracha e plástico* (+28,9%), *Vestuário* (+27,8%), *Alimentos* (+26,6%), *Couro e calçados* (+24,2%), *Máquinas e equipamentos* (+24,1%) e *Produtos de metal* (+22,5%), com destaque para os setores de *Alimentos*, *Couros e calçados* e *Máquinas e equipamentos* que também combinaram queda da produtividade com aumento do custo da folha salarial.

Tabela 1 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação por setor
Variação (%), em valores reais

Setor	Variação com o ano anterior				Variação 2015/2010
	2012	2013	2014	2015	
Indústria de Transformação	8,1%	-0,7%	5,2%	4,3%	24,1%
Veículos automotores	24,1%	-12,9%	12,0%	31,8%	70,7%
Bebidas	23,8%	4,8%	7,7%	0,4%	52,6%
Máquinas e materiais elétricos	8,9%	4,6%	6,6%	8,8%	47,6%
Químicos	-2,5%	18,6%	19,0%	-7,1%	40,5%
Têxteis	-0,7%	-1,0%	5,1%	11,0%	34,7%
Minerais não metálicos	7,9%	-3,7%	12,9%	6,2%	29,1%
Borracha e plástico	7,9%	1,3%	11,5%	4,7%	28,9%
Vestuário	11,0%	6,5%	-0,4%	1,7%	27,8%
Alimentos	17,6%	-0,7%	2,9%	0,8%	26,6%
Couros e calçados	5,2%	-1,5%	5,1%	1,1%	24,2%
Máquinas e equipamentos	6,5%	-3,7%	4,3%	5,2%	24,1%
Produtos de metal	2,3%	0,2%	8,1%	5,5%	22,5%
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-0,4%	4,8%	-3,3%	7,0%	15,3%
Metalurgia	3,0%	-2,4%	6,7%	0,0%	10,7%
Produtos diversos	10,9%	-7,7%	8,3%	-5,7%	10,7%
Móveis	-1,0%	-0,8%	7,4%	1,6%	9,7%
Madeira	-8,4%	1,7%	3,5%	2,2%	8,2%
Farmacêuticos	3,2%	-1,3%	-5,4%	4,6%	-0,5%
Celulose e papel	0,9%	-0,9%	-3,4%	-3,6%	-1,6%
Outros equipamentos de transporte	-4,6%	0,0%	3,9%	-11,6%	-19,2%

Elaboração FIRJAN com dados da CNI

Por sua vez, os setores de *Derivados de petróleo e biocombustíveis* (+15,3%), *Metalurgia* (+10,7%), *Produtos diversos* (+10,7%), *Móveis* (+9,7%) e *Madeira* (+8,2%), apresentaram crescimento do CUT abaixo da média da indústria de transformação. O setor de *Derivados de petróleo e biocombustíveis* apresentou crescimento da produtividade, mas não a ponto de superar o aumento dos custos com a folha de pagamentos, ao passo que os outros setores apresentaram queda da produtividade e aumento dos custos com a folha de pagamentos.

Os únicos segmentos com redução do CUT no período foram *Farmacêuticos* (-0,5%), *Celulose e papel* (-1,6%) e *Outros equipamentos de transporte* (-19,2%). No primeiro setor, o movimento foi explicado pela redução tanto da produtividade como dos gastos com a folha de pagamentos. Nos demais, a produtividade cresceu mais que o aumento dos custos com a massa salarial.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Vice-Presidente Executivo:** Geraldo Coutinho; **Diretora de Desenvolvimento Econômico:** Luciana de Sá; **Gerente de Estudos Econômicos:** Guilherme Mercês; **Equipe Técnica:** Jonathas Goulart, Raphael Veríssimo, Nayara Freire, e Júlia Pestana. **Estagiário:** Raphael Fernandes. Informações: economia@firjan.org.br
Visite nossa página: <http://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/default.htm>